



Ator Eber Inácio Ferreira em apresentação no Buraco da Lacaia, em 29/07/2017

Fotografia: Guilherme Nogueira de Souza

# Apresentação

## Interseções entre gênero, sexualidade e curso da vida

Raphael Bispo<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Henning<sup>2</sup>

Gustavo Santa Roza Saggese<sup>3</sup>

### Conectando diferenças

“Depois de terem inevitavelmente dividido e abstraído um pouco em excesso, os sociólogos devem buscar recompor o todo”. A conhecida recomendação de Marcel Mauss, presente em inúmeros de seus escritos como o *Ensaio sobre a Dádiva*, data de início do século XX e recorrentemente é utilizada para ilustrar o clássico conceito de “fato social total”. Por meio dele, Mauss buscava demonstrar que uma determinada realidade social deve ser apreendida não de maneira estanque, isto é, estudada a partir de uma única dimensão, mas, sim, em sua integralidade, levando-se em conta e em interseção os aspectos biológicos, econômicos, jurídicos, históricos, estéticos, psicológicos, religiosos, geográficos, entre outros, que venham compor uma determinada esfera social. Em um primeiro momento, os típicos termos recorrentes da teoria clássica antropológica – como pensar o “social” articulado a um “biológico” ou a um “psicológico” – podem apontar para uma espécie de esgarçamento de tal proposta analítica. Entretanto, chama-nos bastante a atenção o fato de Mauss, já naquele período, nos convocar a pensar na multiplicidade de planos distintos que compõem nossas vidas cotidianas e, mais do que isso, de que essas instâncias caminham em alguma medida em intensos entrecruzamentos, confluindo ora aqui, ora ali, na conformação de determinados modos de estar neste mundo.

Talvez não seja aleatório que, alguns anos depois, a tradição antropológica norte-americana alicerçaria suas conceituações de cultura em termos como “trama da cultura” – idealizado por Margaret Mead em *Sexo e Temperamento* – ou mesmo “arco cultural”, de Ruth Benedict (em *Padrões de Cultura*). A proposta é algo semelhante das teorizações da Escola Sociológica Francesa. Os indivíduos trabalhariam com os “novelos universais” que são o clima, a geografia, o meio ambiente e a própria natureza física de seus corpos (como a idade, o “sexo”) e, a partir deles, costurariam para si mesmos uma “trama” de cultura em cujo interior cada vida humana seria formulada na confluência desses traços selecionados. Nessa perspectiva, cada povo construiria essa tessitura de um modo diferente, escolhendo alguns “novelos” como mais importantes para suas possibilidades de existência, ao enfatizar alguns fatores e negligenciar ou não dar destaque a outros no momento em que tramam para si os resultados dessas conexões.

Diante disso, cabe destacar que a partir da década de 1990 os heterogêneos pensamentos que surgem dos desenvolvimentos teóricos e práticos no contexto dos debates sobre o gênero e a diversidade sexual recorrentemente fazem um clamor muito semelhante a estes efetuados pelos fundadores da

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) e do Departamento de Ciências Sociais (DPCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contato: raphaelbispo83@gmail.com

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Contato: carloseduardohenning@gmail.com

3 Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP). Contato: gsrsggese@gmail.com

tradição antropológica. Trata-se da construção de uma necessidade cada vez maior de se refletir as diferenças sociais a partir das intensas conectividades que são possíveis de serem traçadas por meio das interações que elas estabelecem em contextos específicos. Como bem pontua Piscitelli (2008), as chamadas categorias de articulação e as interseccionalidades (*intersectionalities*) são na atualidade importantes chaves interpretativas que incorporaram inúmeras exigências feitas no âmbito da teoria feminista, por exemplo, por mulheres negras, do Terceiro Mundo e feministas lésbicas. Tais clamores pedem que se preste mais a atenção a outras diferenças que se articulam ao sexo/ gênero – como raça e classe – capazes de instaurar diversos regimes de poder, desigualdades e normatizações, nos oferecendo assim recursos mais relevantes para compreendermos melhor a produção dos sujeitos e seus processos de diferenciação.

Portanto, a centralidade concedida à categoria de gênero em alguns contextos teóricos hegemônicos teria acabado por obscurecer ou subordinar importantes marcadores sociais da diferença como a idade/ geração, a raça/ cor, a classe, a etnia, a regionalidade, a religião, entre inúmeros outros. Sendo assim, o movimento contemporâneo é o da reconexão, ou seja, o de pensar a realidade social por meio de ferramentas analíticas que favoreçam a sua apreensão não a partir de uma única instância reflexiva, mas através da articulação entre as múltiplas diferenças que se instalam para a conformação de determinada situação social. Nessa cena intelectual em específico dos estudos de gênero e da diversidade sexual, a visão da vida cotidiana como uma “totalidade folhada formada de uma multiplicidade de planos distintos” – como bem pontou Lévi-Strauss (2003, p. 26) quando em diálogo com o conceito de “fato social total” de Mauss – nunca se fez tão pertinente como na atualidade. Por essa perspectiva, o social e as diferenças só se fazem “reais” na medida em que estejam integrados em um sistema capaz de garantir a eles intensas conexões.

Logo, antes de pensarmos como novidades as ideias contemporâneas de que a realidade social é múltipla, tendo a necessidade de pensar os distintos marcadores sociais da diferença a partir de uma perspectiva interseccional, seria interessante nos indagarmos o porquê de tais propostas que visam pensar a convergência de determinadas instâncias da vida pouco terem se consolidado em nossos horizontes analíticos, tendo a necessidade de em alguns momentos históricos determinadas vertentes teóricas clamarem por essas intersecções. Obviamente, tal resposta possui diversos caminhos, não tendo espaço e oportunidade aqui de destrinchá-la.

Diante disso, talvez essa seja a inquietação maior que guia a proposta de organização deste dossiê. Nosso maior objetivo aqui em *Teoria e Cultura* é trazer à tona artigos que sejam frutos de pesquisas que versem sobre tais entrelaçamentos, em especial aqueles que abordem as associações entre o gênero, a sexualidade e a idade/ geração/ curso da vida. Isso porque nossa ideia é também buscar fazer uma reflexão específica para além dos marcadores “gênero, raça e classe”, tradicionalmente elencados com as principais diferenças a serem observadas nos debates já clássicos sobre as interseccionalidades.

Apresenta-se assim um conjunto de investigações que tem esmiuçado e expandido esta cena sobretudo no que tange à idade/ geração. Assim, o dossiê temático aqui em destaque pretende ser um espaço para o reconhecimento da multiplicidade de modos de vida que compõem o contemporâneo e que fazem a densidade de nosso tempo, buscando compreender de que maneira momentos da vida como “infância”, “juventude”, “meia-idade” e “envelhecimento”, por exemplo, se entrecruzam com os debates sobre o gênero e a sexualidade, percebendo tais intersecções como uma dimensão privilegiada na qual se visibilizam as mais recentes transformações subjetivas, sociais e culturais em nossa sociedade.

## O dossiê

No intuito de estabelecer o entrelaçamento entre as temáticas do gênero, da sexualidade e do curso da vida, os nove artigos que compõem este dossiê estão organizados em torno de três grandes eixos temáticos. O primeiro, composto por três textos de pesquisadoras brasileiras, volta-se para a chamada “adolescência” ou “juventude” e as reconfigurações que ela vem promovendo no espaço público por conta da construção de (novos) ativismos políticos, isto é, diferentes maneiras de se fazer resistência pelos jovens na atualidade frente às expectativas hegemônicas de gênero e de sexualidade que deles são ansiadas. Em *“Coletivo”, “ativista” e “horizontal”: uma análise de categorias em uso no movimento social contemporâneo*, Stephanie Lima (UNICAMP) mergulha nas nomenclaturas utilizadas pelos participantes do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES) – tais como “estudantil/ universitário”, “ativista/ militante”, “grupo/ coletivo”, “institucionalizado/ não-institucionalizado” e “horizontalidade” – a fim de compreender os modelos de organização política e do fazer-se sujeito político nos dias de hoje, particularmente no contexto dos movimentos da diversidade sexual e de gênero. Seguindo um caminho bastante semelhante, Paula Alegria (USP) nos oferece uma etnografia do movimento estudantil realizada em um colégio de Ensino Médio em seu artigo *“Vai ter viado se beijando, sim!”: Gênero, sexualidade e juventude entre alunos do movimento estudantil secundarista de uma escola pública federal do Rio de Janeiro*. A autora analisa as diferentes maneiras de como os estudantes escolhem expressar suas experimentações de sexualidade e de identidade de gênero, seja através de protestos contrários às retaliações e intimidações sofridas por alunos LGBT tal como o “BeijATO”, seja acompanhando as respostas de jovens incomodados com tais reivindicações de direitos no colégio como a “Frente Masculinista” ou movimentos de internet que clamam “Respeitem o meu machismo!”. Assim, é no contexto deste debate que a perspectiva contrastiva do trabalho de Paula Nogueira (UFG) ganha relevo neste primeiro conjunto de textos. Intitulado *“É uma questão de geração, eu não uso meu corpo assim”: Diferenças geracionais e diferentes feminismos a partir da Marcha das Vadias de Goiânia/GO*, a autora analisa em sua pesquisa as diversas e nem sempre consensuais concepções que feministas de distintas gerações possuem acerca do uso performático e político da nudez presentes em movimentos contemporâneos como a Marcha das Vadias. Porém, mesmo que as diferenças de visões sobre o tema sejam ali destacadas, é proposta da autora realçar aquilo que ela nomeia de “potencialidades de alianças intergeracionais”, algo que só complexifica ainda mais o cenário brasileiro contemporâneo em que as resistências “juvenis” são criadas e performadas a todo instante na parceria com pessoas das mais distintas faixas etárias.

O segundo eixo temático deste dossiê é composto por três artigos de pesquisadores que se voltam para os estudos dedicados ao envelhecimento, particularmente quando esta experiência reconfigura (ou mesmo reafirma) os modelos hegemônicos de masculinidade. “Vê se vira homem”, por exemplo, era uma das frases mais ouvidas por William Assis da Silva (UFJF) em sua pesquisa de campo junto a uma população composta majoritariamente por homens idosos e que “passava o tempo” jogando cartas em um parque público no centro da cidade de Juiz de Fora. Em *O Feitiço do Jogo: Masculinidades no Parque Halfeld em Juiz de Fora*, o autor destaca uma sociabilidade entre homens velhos heterossexuais marcada por intensas jocosidades e na qual o interesse sexual ainda se faz fortemente associado à valorização da penetração e do desempenho erétil. Tal performance hiperviril é também exaltada por pessoas bastante distintas dos velhinhos do Parque Halfeld, os chamados “ursos” da cena LGBT de Córdoba pesquisados por Agustín Liarte Tiloca (Universidad Nacional de Córdoba) em seu artigo *“Imaginate dos viejos chotos”: Experiencias festivas y procesos de envejecimiento entre varones autonominados osos en la ciudad de Córdoba (Argentina)*. Acompanhando a organização de festas que fazem convites a presença de homens homossexuais que se autodenominam “ursos” (*ursos/ osos*, no espanhol), o autor analisa tal nomeação como uma performance que visa garantir uma apresentação de gênero considerada “masculina” pelos participantes dos eventos, ao contrário de outras formas de contato erótico entendidas por eles como sendo “afeminadas”. Entretanto, nos mostra Liarte Tiloca, essa é também uma maneira desses homens se afirmarem frente a outros contextos festivos que tendem a excluí-los, seja por suas idades consideradas “avançadas” para certos padrões de festa,

seja por seus portes físicos que destoam da tônica e estética juvenil contemporânea. Nesse contexto, se o aprimoramento em ser másculo se faz através de uma performance festiva, Lucas Tramontano (UERJ) retrata em seu artigo uma busca pela virilidade ideal por meio do consumo de testosterona por homens gays de “meia idade” na cidade do Rio de Janeiro. Em “*Otimizar o desempenho muscular e estético: interseções de diagnósticos, sintomas e desejos no uso da testosterona como aprimoramento*”, o autor destrincha a prescrição médica de terapia de reposição hormonal a partir dos relatos queixosos de seus interlocutores, desejosos por reverter a sensação de estarem envelhecendo e perdendo o prestígio no mercado erótico-afetivo por meio do uso da testosterona, buscando atingir, com isso, a garantia de uma estética corporal ideal associada à prática da musculação.

Por fim, o terceiro eixo do dossiê é dedicado majoritariamente ao estudo das vivências de pessoas que se identificam como homossexuais, travestis e transexuais, das mais diferentes faixas etárias, e o confronto diário que acabam por estabelecer com as normativas de gênero e sexualidade. Torna-se particularmente interessante constatar aqui que nos três artigos que compõem este último momento do dossiê, a análise dos pesquisadores se faz a partir de uma lupa colocada sobre as relações afetivo-sexuais de seus interlocutores. É através de uma análise da micropolítica de suas emoções que observamos corpos considerados abjetos buscando (re)existir e habitar o mundo que vivem. Thiago de Lima Oliveira (USP), no artigo *Notas para uma economia afetiva: Trajetórias geracionais e circulação de bens entre Nordeste e Amazônia*, estabelece o contraste e a relação entre dois contextos etnográficos distintos a fim de entender de que forma a maneira pela qual as pessoas tecem suas trajetórias de vida e de encontros com os outros permite refletir sobre a “experimentação e produção do urbano” em escalas não metropolitanas. Por outro lado, Oswaldo Zampiroli (UFRJ) – em *Tornar-se esposa, fazer-se mulher: o casamento estabelecendo gênero nas relações conjugais de mulheres Trans/Travestis* – joga luz por meio de sua etnografia realizada no Rio de Janeiro nas (in)tensas negociações diárias que são estabelecidas entre prostitutas transexuais e travestis e seus respectivos namorados, que tendem a não assumi-las publicamente. Zampiroli demonstra o quanto elas acabam tornando-se “corpos ocultados” numa esfumada rede de afetos e desejos, algo que acaba recorrentemente atingindo seus sentidos de pertencimento a uma identidade de gênero considerada por elas como feminina. E é justamente tais emotividades em torno do se sentir uma “mulher de verdade” que Hugo Felipe Quintela (UFJF) procura esmiuçar no trabalho *Mulheres possíveis: a construção social da mulher nas experiências da transexualidade*. Analisando relatos de preconceito e discriminação vividos por mulheres trans na cidade de Vitória em meio a suas famílias, escolas e igrejas, o autor procura analisar o quanto cotidianamente são negados o reconhecimento e a existência a essas pessoas enquanto sujeitos, situação esta nomeada pelo autor através do conceito de “liminaridade permanente”, inspirado na literatura antropológica sobre as ritualidades da vida social.

Cabe ainda destacar que além destes artigos de jovens pesquisadores, este dossiê de *Teoria e Cultura* ainda conta com a colaboração de consagrados nomes que contribuíram ao longo dos últimos anos na reconfiguração dos campos de estudos aqui em questão. Na seção *Entrevista*, as pesquisadoras do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP) do IUPERJ/ UCAM Lilian Gomes e Thais Costa conversam com o renomado antropólogo e sociólogo francês David Le Breton, conhecido por seus inúmeros livros acerca das corporeidades e emoções na sociedade ocidental contemporânea.

Além disso, na seção *Tradução*, somos agraciados com dois influentes artigos de importantes pesquisadoras. Primeiramente, *Estudando Subculturas Sexuais: Escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte*, da antropóloga estadunidense Gayle Rubin, traduzido e revisto por Carlos Eduardo Henning (UFG) e Clauco Ferreira (UFG). Trata-se de um artigo originalmente publicado no ano de 2002 em que a autora dos clássicos *Tráfico de Mulheres* (1975) e *Pensando o Sexo* (1984) constrói uma visão panorâmica acerca de um conjunto amplo de etnografias sobre “comunidades gays” produzidas na América do Norte desde a primeira metade do século XX. Rubin influenciou nas últimas décadas as mais diferentes disciplinas que se dedicaram a estudar as relações de gênero e a sexualidade, além de ter participado ativamente no florescimento

de diversos movimentos sociais pela diversidade de gênero e sexual. Já o segundo artigo, de 2013, é *Notas sobre uma Sociologia do Bullying: homofobia de homens jovens como socialização de gênero*, da socióloga estadunidense C. J. Pascoe, traduzido e revisto por Tálisson Melo (UFRJ). Ela é autora do premiado livro *Dude, You're a Fag: Masculinity and Sexuality in High School* (2007) e se tornou uma referência recente para as pesquisas sobre sociabilidades juvenis e novos meios de comunicação de massa. Logo, tanto a entrevista quanto as traduções engrandecem e ampliam o debate sobre as possíveis interseções entre gênero, sexualidade e o curso da vida na sociedade contemporânea que este dossiê tenta iluminar.

### **Bibliografia**

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n.2, 2008, p. 263-274.

